

VOZES SOBRE A LITERATURA PERIFÉRICA: A RECEPÇÃO CRÍTICA DAS EDIÇÕES DA *CAROS AMIGOS* “LITERATURA MARGINAL - A CULTURA DA PERIFERIA”

VOICES ABOUT THE PERIPHERAL LITERATURE: THE CRITICAL RECEPTION OF *CAROS AMIGOS* “LITERATURA MARGINAL - A CULTURA DA PERIFERIA”

*Ana Paula Franco Nobile Brandileone*¹

*Maria Luiza Navarro Martins*²

DOI 10.11606/issn.1981-7169.crioula.2018.143163

RESUMO: O presente artigo objetiva discutir a recepção crítica feita no “calor da hora” dos três atos das edições *Caros Amigos* “Literatura Marginal – A Cultura da Periferia”, que são um marco para a consolidação do movimento literário marginal. Os recortes jornalísticos publicados em *O Estado de São Paulo* e *Folha de São Paulo* concorrem para comprovar que este movimento literário se fez ouvir, fazendo-se ecoar não apenas pelos seus pares.

¹ Doutora, professora adjunta da Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP), *campus* de Cornélio Procópio. Desenvolve pesquisa intitulada “A representação de territórios marginais na ficção brasileira contemporânea: recepção crítica e práticas de letramento”.

² Graduanda em Letras Português-Inglês pela Universidade Estadual do Norte do Paraná, *campus* de Cornélio Procópio. Desenvolve pesquisa intitulada “Literatura marginal: a memória do lançamento das edições da *Caros Amigos*”. Bolsista da Iniciação Científica da Fundação Araucária.

ABSTRACT: This paper aims at discussing the critical reception in the “heat of the moment” about the three acts of *Caros Amigos* editions “Literatura Marginal – A Cultura da Periferia” that are considered a milestone for the marginal literary movement consolidation. The journalistic clippings published in *O Estado de São Paulo* and *Folha de São Paulo* contribute to prove that this literary movement made itself heard, making itself echoes not only by its pairs.

PALAVRAS-CHAVE: Ficção brasileira contemporânea; Recepção crítica; Revista *Caros Amigos*: “Literatura marginal - A Cultura da Periferia”

KEYWORDS: Contemporary Brazilian fiction; Critical reception; *Caros Amigos* magazine: “Literatura marginal - A Cultura da Periferia”

ABRINDO ESPAÇOS NOS LIMITES LITERÁRIOS

É notório que na contemporaneidade grupos têm rompido territórios e conquistado espaços que *a priori* não foram feitos para serem protagonizados por indivíduos que não pertencem aos nichos de poder. Prova disso é a emergência da expressão de novas vozes na ficção brasileira contemporânea, lugar de enunciação de sujeitos à margem do poder econômico, social, étnico-racial, de gênero, de orientação sexual, e que, por isso mesmo,

vivenciam uma identidade coletiva que recebe valoração negativa da cultura dominante.

Como uma das manifestações literárias contemporâneas que reivindicam e criam seu espaço no discurso literário hegemônico, está a literatura marginal dos escritores das periferias urbanas, que se destaca por colocar o marginalizado como sujeito da própria história. Adotando como critério primeiro a da territorialidade textual, os autores periféricos se apropriam do campo literário como forma de manifestação de sua realidade, e, para tanto, utilizam a periferia dos grandes centros urbanos como cenário para as narrativas, buscando, assim, não apenas estabelecer um *lócus* identitário, mas também a conscientização de todo um grupo, assumindo, portanto, a função de agenciar politicamente as minorias. Sendo assim, o texto literário está intrinsecamente ligado às suas vivências, trazendo aos escritos um tom, não raro, documental, confessionário e biográfico (PATROCÍNO, 2013; NASCIMENTO, 2009). É nesse contexto que os três atos da revista *Caros Amigos* “Literatura Marginal – A cultura da periferia” se destacam, por se oferecerem como símbolo para o movimento literário dos escritores periféricos.

As edições especiais da revista *Caros Amigos* foram organizadas pelo escritor paulistano Férrez, em parceria com a Editora Casa Amarela, e publicadas entre agosto de 2001 a abril de 2004, sendo compostas por poemas, contos, crônicas e letras de *rap*, acompanhados por ilus-

trações de South, de 48 escritores residentes nas periferias dos grandes centros urbanos do país, principalmente da capital São Paulo. A temática geral desses textos heterogêneos que trazem à tona a realidade da periferia refere-se ao “[...] cotidiano das classes populares, a violência urbana, a carência de bens e equipamentos culturais, as relações de trabalho e precariedade – sempre calcados numa ideia comum sobre o espaço social da periferia” (NASCIMENTO, 2009, p. 76-77).

Além disso, é importante mencionar que o critério adotado para a seleção dos textos que comporiam as coletâneas não é propriamente estético, mas ético: “Na estruturação desse novo grupo, o estético foi colocado em segundo plano, não negligenciado, mas é suprimido pela importância conferida à ética” (PATROCÍNIO, 2013, p. 39). Desse modo, é o compromisso territorial, político e ético com a periferia que norteia a produção literária marginal (PATROCÍNIO, 2013; HOLLANDA, 2014). Em outras palavras, pertencer, representar e retratar a margem são atributos indispensáveis para fazer da literatura um meio de afirmação cultural, de conscientização crítica e de transformação social, conforme está prescrito nos prefácios que abrem cada um dos volumes.

A reunião das composições dos escritores da periferia, em sua maioria inéditos, sob o título “literatura marginal”, representou “[...] um importante marco na formação e estruturação desse grupo de autores, favorecendo a forma-

ção de um espaço discursivo próprio dentro da série literária hegemônica” (PATROCÍNIO, 2013, p. 16). Além disso, para Érica Peçanha do Nascimento (2009), as edições favoreceram a apropriação e a legitimação do novo sentido para o adjetivo marginal, qualificando, assim, uma nova vertente literária no panorama contemporâneo. Além de a denominação “marginal” caracterizar a produção literária que está à margem do cânone, bem como a que retrata minorias sociais, também se refere ao espaço periférico e à própria origem dos escritores.

Para Heloísa Buarque de Hollanda, a coletânea da *Caros Amigos* ajudou também a firmar “[...] a noção de literatura marginal como a nova expressão literária das periferias” (2014, p. 33), por isso, considera esses volumes “seminais”. De acordo com o *Dicionário Aurélio de Língua Portuguesa* (2011), o adjetivo está relacionado a sêmen ou semente. Logo, a coletânea pode ser apreendida como um marco fértil para o desenvolvimento, a consolidação e principalmente a disseminação da literatura marginal ao dar visibilidade aos autores e às produções marginais em nível nacional. Como prova disso, Nascimento (2009) afirma que, dos 48 escritores envolvidos, apenas nove haviam publicado seus trabalhos anteriormente. Portanto muitos escritores se beneficiaram com o alcance nacional dos volumes da revista, como é o caso, por exemplo, de Allan Santos da Rosa e Sacolinha, que publicaram seus livros em 2005, *Vão e Graduado em marginalidade*, respectivamente.

A partir dos pressupostos abordados anteriormente, quanto à importância das edições, surge o interesse em investigar a recepção crítica dos volumes especiais e identificar o espaço que eles obtiveram na cena literária, já que se inscrevem como marco para firmar e afirmar o movimento literário marginal. Para tanto, realizou-se o mapeamento da fortuna crítica escrita no “calor da hora” em dois jornais de grande circulação nacional, a *Folha de São Paulo* e *O Estado de São Paulo*.

A RECEPÇÃO CRÍTICA DAS EDIÇÕES *CAROS AMIGOS*: A CRÍTICA JORNALÍSTICA

Se outrora Afrânio Coutinho e Álvaro Lins protagonizaram uma das maiores querelas quanto à legitimidade do exercício da crítica literária no Brasil, hoje, é patente a perda de espaço da crítica literária no jornal, ficando restrito aos poucos suplementos literários que ainda resistem, a exemplo, o *Jornal Rascunho*, o *Cândido* e o *Suplemento Cultural do Diário Oficial de Pernambuco*, ou então os cadernos culturais de circulação em massa que, atualmente, estão mais a serviço do colunismo social que do exercício propriamente dito da crítica literária. Esta é a posição de Paulo Franchetti (2005), para quem a crítica literária se “demitiu”, em função da pulverização do valor da cultura literária em prol do imediatismo midiático, do condicionamento das artes aos imperativos da globalização e da manifesta-

ção da economia de mercado e da sociologia do consumo.

Apesar do paulatino apagamento da literatura nos jornais, a exposição e o tratamento conferidos a um autor, uma obra ou uma manifestação literária neste suporte são uma importante instância legitimadora. Como bem lembra Bourdieu (2009), embora o campo de produção dita erudita não devesse nunca ser dominado por demandas externas, impondo princípios de legitimidade propriamente culturais, tanto no âmbito da produção como no da recepção da obra de arte, não há como evitar que o exercício de legitimação da prática artística seja determinado por critérios externos. Nesse contexto, os aparelhos do Estado, como a universidade e as instituições como a Academia Brasileira de Letras; as resenhas em jornais e revistas de grande circulação; as fundações e associações que concedem recursos financeiros aos escritores, como bolsas de criação literária e prêmios; a publicação de antologias, livros didáticos; a mídia em geral, tudo isso se inscreve como instâncias de legitimação, conservação e difusão da literatura. Não por outro motivo é que se objetiva resgatar a recepção crítica produzida no “calor da hora” dos volumes da *Caros Amigos* nos jornais *Folha de São Paulo* e *O Estado de São Paulo*, entre os anos de 2001 a 2004.

No que se refere à *Folha de São Paulo*, ganha destaque o fato de que no suplemento cultural denominado “Folha Mais!” (hoje “Ilustríssima”), não foram encontrados recortes, especificamente, sobre as edições de “Literatura

marginal: a cultura da periferia”, apesar de haver publicações sobre Ferréz, Paulo Lins, literatura marginal e cultura *hip hop*, por exemplo. Dessa forma, optou-se pela investigação em outros cadernos, dos quais se obteve os seguintes resultados: duas notas publicadas no caderno “Folha-teen”, em 2001 e 2002, e outros dois recortes jornalísticos em 2002, no caderno “Ilustrada”. Os recortes encontrados não promoveram discussões extensas nem centrais sobre os volumes, contudo, por meio deles, é possível extrair reflexões e apreender um posicionamento crítico sobre as edições e sobre a literatura marginal, de um modo geral.

A nota publicada em 2001, intitulada “‘Caros Amigos’ em versão mano”, traz uma notícia bastante sumarizada do Ato I e destaca as edições por colocar em cena a “[...] produção literária que nunca chega ao grande público: aquela que vem da periferia, das prisões, da marginalia” (2001, p. 8). No ano seguinte, Fischer, em seu artigo “A conquista do direito à arte, na marra, em uma sociedade desigual” (2002) apresenta uma discussão um pouco mais densa sobre o Ato II. Conforme o crítico, a produção e o consumo artístico e cultural estão restritos às classes elitizadas e a expressão dos menos privilegiados limita-se à cultura e à arte populares. Valendo-se de exemplos como Machado de Assis, Pixinguinha e Chiquinha Gonzaga, Fischer sustenta a hipótese de que, numa sociedade desigual, como a brasileira, quando há a conquista pelo direito à arte, seja sob o ponto de vista da produção ou da recepção, há o estra-

nhamento. Por esse motivo, para o professor, a segunda edição da *Caros Amigos* merece atenção por introduzir na esfera literária – leia-se também elitizada – vozes de comunidades cuja regra seria “viver e morrer em silêncio”, se não fossem aqueles que “[...] conseguiram ultrapassar dificuldades e conquistar o direito à arte” (FISCHER, 2002, p. 8). Desse modo, assim como Machado de Assis, Pixinguinha e Chiquinha Gonzaga, os autores marginais também conquistaram o direito de “fazer arte”, apesar de, igualmente àqueles, não pertencerem a grupos com distinção social. Merece destaque, por fim, a expressão “na marra”, presente no título do artigo, porque suscita que, para Fischer, esse processo de superação de barreiras ou muros culturais não ocorre pacificamente, mas por meio da reivindicação e da apropriação desses espaços, como faz a literatura marginal.

O artigo de Esther Hamburguer (2002) trata sobre o espaço de autorrepresentação da literatura marginal, veículo potencial para rivalizar com a imagem banalizada e deturpada das periferias e das margens na mídia. Nesse quadro, a produção literária marginal “[...] arrisca a entrada daqueles que durante séculos carregaram o estigma da ignorância no mausoléu dos letrados” (p. 6). A professora encerra o artigo com um trecho do poema-*rap* “A Bahia que Gil e Caetano não cantou”, de Gato Preto, publicado no Ato II, que retrata, dentre outras coisas, do desejo do marginalizado de construir uma identidade própria e de romper com

a imagem hegemônica do suporte televisivo: “A intenção é mostrar a verdadeira cara da minha terra, sem inverdades, maquiagens, cenas de novela” (HAMBURGUER, 2002, p. 6).

Já o colunista Marcelo Coelho (2002) explora em seu artigo a relação entre a ascensão de Lula à presidência da República e o surgimento de uma “onda cultural” advinda da periferia, da qual o *rap*, o cinema e a literatura são manifestações culturais centrais. Dentre elas, Coelho cita o romance de Paulo Lins (1997), *Cidade de Deus*, considerado por alguns críticos como marco inaugural desse movimento de autores periféricos (PATROCÍNIO, 2013), e sua adaptação para o cinema, dirigida por Fernando Meireles (2002); cita também o *rap* dos Racionais MCs, bem como a literatura marginal, figurada pela coletânea “Literatura marginal – a cultura da periferia”. Para Coelho, a aproximação entre os fatos não reside no caráter político, social engajado ou denunciativo que essas manifestações apresentam, mas sim na valorização do chamado “lugar de fala”, isto é, a pauta dessa “nova onda cultural” seria colocar a margem ou a minoria como “[...] ‘sujeito’, e não ‘objeto’ de um olhar” (COELHO, 2002, p. 10).

No que se refere ao jornal *O Estado de São Paulo*, os volumes especiais da *Caros Amigos* também repercutiram de forma discreta, apenas três recortes de jornal, mas de maior fôlego. Tendo em vista que houve um intervalo de quase dois anos entre a segunda e a terceira publicações,

não houve qualquer registro sobre o movimento literário marginal no ano de 2003³.

No artigo publicado em 26 de agosto de 2001, sob o título de “Ferréz lança movimento literário reunindo escritores da periferia”, Sereza não apenas traz considerações sobre o movimento recém-surgido e nomes que o integram, como Alessandro Buzzo, Erton Moraes, Edson Veóca, Sérgio Vaz, Ferréz, Jocenir e Paulo Lins, mas também faz apreciação de alguns dos textos publicados no Ato I. O crítico, de forma subliminar, parece apontar para o caráter didático da fábula de Erton Moraes, “A peregrinação da varejeira”, e do conto de Paulo Lins, “Destino de Artista”, os quais se colocam “[...] em defesa do grupo social que os autores pretendem representar” (SEREZA, 2001, D4). De forma geral, “A qualidade dos textos – em prosa e poesia – oscila, como é natural numa reunião de autores” (SEREZA, 2001, D4).

Um outro aspecto relevante deste artigo é a retomada que Sereza faz de uma discussão trazida por Ferréz no texto de abertura do Ato I e que diz respeito à filiação literária da literatura marginal: “No texto Ferréz reivindica a herança de alguns autores, que conseguiram, de certo modo, superar a barreira que existe contra autores marginais: João Antônio (uma presença constante na obra),

³ A discussão, na íntegra, sobre a recepção da Revista *Caros Amigos* “Literatura Marginal” no jornal *O Estado de São Paulo* pode ser encontrada nos Anais da ABRALIC de 2016.

Máximo Gorki e Plínio Marcos”. Apesar de o crítico não ter considerações sobre essa tradição literária que Ferréz evoca e reivindica, não se pode negar a proximidade ideológica com a literatura marginal, sobretudo no caso de João Antônio, eternizado como um “autor da literatura marginal”.

Também aqui ganha destaque a comparação estabelecida entre o romance de Patrícia Melo, *Inferno*, e os contos de Ferréz e de Garret, “Inimigos não levam flores” e “Sonhos de um menino de rua”, respectivamente. A discussão de fundo trazida pelo autor está relacionada a uma problemática levantada por muitos críticos e leitores em geral a respeito da autoridade que a escritora tinha de falar sobre uma realidade a qual desconhece, já que o romance narra a história de Reizinho, um garoto que começou a trabalhar no tráfico de drogas com onze anos de idade, chegando a ser líder do tráfico no morro em que morava. Considerando que a literatura marginal encerra no ponto de vista interno e na própria origem social e racial dos autores o seu fator de reconhecimento, Patrícia Melo não estaria credenciada a tratar do mundo das drogas, da criminalidade, enfim, da violência experienciada por aqueles que estão à margem. Sob o título “Literatura marginal, no ato 2, firma movimento”, Sereza inicia o texto, publicado no dia 07 de julho de 2002, fazendo inúmeros questionamentos que, possivelmente, expressam as incertezas de outros leitores e críticos literários, já que escreve considerando a edição do Ato II da *Caros Amigos*:

Depois do primeiro número da revista Literatura Marginal – Caros Amigos, restavam algumas dúvidas: nascia um movimento literário de fato ou a revista era apenas uma reunião de textos de ‘gente da periferia’? Qual a real força e o significado simbólico da publicação? A literatura de protesto angaria leitores ou seria, aos poucos, novamente afastada da discussão? (SEREZA, 2002, D4)

Respondendo parcialmente às suas próprias perguntas, o crítico afirma que o novo número da revista “[...] demonstra claramente que a produção ‘periférica’ não chamou a atenção de muita gente pelo país, não necessariamente os leitores dos grandes jornais” (SEREZA, 2001, D4). Sereza dá ainda destaque não apenas ao número mais expressivo de escritores e de textos poéticos comparativamente ao Ato I, mas também à ampliação de participantes de outros estados brasileiros, majoritariamente paulistas na primeira edição: “Há ainda autores do Recife, de Salvador e uma tribo indígena de Miranda (MS), além de presidiários” (SEREZA, 2001, D4).

Depois de um interregno de quase dois anos entre a primeira e a segunda edições, Antonio Gonçalves Filho publica, no dia 20 de junho de 2004, o artigo intitulado “Literatura marginal muda de cara no Brasil”, no qual faz um

balanço da literatura marginal no Brasil e, para tanto, convida autores representativos da ficção contemporânea brasileira – Fernando Bonassi e Marçal Aquino – e estrangeira – o colombiano Efraim Medina Reys, e o cubano, Pedro Juan Gutiérrez, para comporem a discussão. Estabelecendo uma relação com a literatura marginal da década de 70 do século XX, Gonçalves Filho afirma: “A literatura marginal, aparentemente, foi domesticada pela indústria editorial, que assimilou a transgressão dos autores e aprendeu a faturar em cima da rebeldia reprimida dos leitores” (SEREZA, 2001, D4). Com isso, o autor imprime um caráter crítico à discussão quando, emprestando de Bonassi a frase “Os marginais estão mortos”, assegura que os escritores marginais de hoje em nada se assemelham à geração dos “anos de desbunde”, na medida em que se renderam às formas comerciais de produção e circulação da literatura, conforme circuito estabelecido pelas grandes editoras; ao contrário, portanto, daquela que se fez à margem do sistema social e cultural vigentes.

Ainda que, de fato, os escritores marginais, entende-se aqui a apropriação recente da expressão "Literatura Marginal" feita pelos escritores da periferia, não estejam à margem do corredor comercial oficial de produção e divulgação, há uma certa incompreensão do crítico e dos escritores brasileiros chamados à discussão, quanto à apropriação que o movimento faz do termo “literatura marginal”. Diferente da literatura marginal dos anos 2000, constituída

por representantes das classes populares e moradores dos bairros das periferias urbanas brasileiras ou por presidiários, a dos anos 1970 foi composta por universitários, representantes das camadas privilegiadas. Desse modo, cada um desses movimentos literários representa um “lugar” diferente de enunciação, *lócus* que, além de geográfico, é também espaço social e afetivo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Importa destacar que está no horizonte deste resgate crítico sobre o lançamento dos volumes especiais da *Caros Amigos* nos periódicos jornalísticos, percorrer outros suplementos culturais literários nacionais. Mas no que se refere aos recortes jornalísticos, considerando o *corpus* aqui em análise, pode-se afirmar que eles indicam que as edições da *Caros Amigos* não passaram despercebidas pela crítica especializada ao serem objeto de discussão em suportes de grande relevância nacional, como os jornais *Folha de São Paulo* e *O Estado de São Paulo*, que concorrem para reforçar a visibilidade dos autores periféricos, agregar-lhes prestígio social, reconhecimento público, dada a sua circulação em âmbito nacional e o reconhecimento granjeado ao longo do tempo.

Ainda que sem a possibilidade de estabelecer um posicionamento definitivo sobre a produção literária marginal que, dada a falta de distanciamento histórico em relação a

esta produção, leva à indefinição a respeito daqueles autores e obras que se figurarão ou não no cânone, por isso, “[...] o adjetivo ‘contemporâneo’ funciona como um termo vazio a ser preenchido *a posteriori* pela crítica e pela história literária” (BRANDILEONE, 2013, p. 18), não se pode negar que a literatura marginal foi levada “[...] para a ágora, para o espaço de discussão de intelectuais (que mereçam esta qualificação), editores, políticos, público, enfim, mas leva [da] por suas [a dos autores marginais] próprias mãos” (RESENDE, 2008, p. 39).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2009.

BRANDILEONE, Ana Paula Franco Nobile. Literatura brasileira contemporânea: caminhos diversos. In: BRANDILEONE, Ana Paula F. Nobile; OLIVEIRA, Vanderléia da Silva. *Desafios contemporâneos: a escrita de agora*. São Paulo: AnnaBlume, 2013, p. 17-33.

“Caros Amigos”, em versão mano. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 03 set. 2001. Folhateen, p.8. Disponível em: <http://acervo.folha.uol.com.br/fsp/2001/09/03/25//147112>. Acesso em: 22 jun. 2017.

COELHO, Marcelo. A vitória de Lula e uma nova onda cultural. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 30 out. 2002. Ilustrada, p.10. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq3010200214.htm>>. Acesso em: 22 jun. 2017.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Seminais. In: *Aurélio Júnior: dicionário escolar da língua portuguesa*. 2. ed. Curitiba: Editora Positivo, 2011, p. 802.

FISCHER. Luís Augusto. A conquista do direito à arte, na marra, em uma sociedade desigual. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 05 ago. 2002. Folhateen. p.11. Disponível em: <http://acervo.folha.uol.com.br/fsp/2002/08/05/25//126776>. Acesso em: 22 jun. 2017.

FRANCHETTI, Paulo. A demissão da crítica, abr. 2005. Disponível em: http://www.geminaliteratura.com.br/enc_pfranchetti_abr5.htm. Acesso em: 05 fev. 2018.

GONÇALVES FILHO, Antonio. Literatura marginal muda de cara no Brasil. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 20 jun. 2004. Suplemento Cultura, p. D4.

HAMBURGER, Esther. A disputa pelos pobres na TV. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 02 set. 2002. Ilustrada. p.6. Disponível em: <<http://acervo.folha.uol.com.br/fsp/2002/09/02/21/>>. Acesso em: 22 jun. 2017.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de. Crônica marginal. In: RESENDE, Beatriz; FINAZZI-AGRA, Ettore. *Possibilidades da nova escrita literária no Brasil*. Rio de Janeiro: Revan, 2014, p. 25-38.

NASCIMENTO. Érica Peçanha do. *Vozes marginais na literatura*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2009.

PATROCÍNIO, Paulo Roberto Tonani do. *Escritos à margem: a presença de autores de periferia na cena literária brasileira*. Rio de Janeiro: 7 Letras; FAPERJ, 2013.

SEREZA, Haroldo Ceravolo. Ferréz lança manifesto literário reunindo escritores da periferia. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 26 ago. 2001. Suplemento Cultura, p. D4.

SEREZA, Haroldo Ceravolo. 'Literatura marginal', no ato 2, firma movimento. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 07 jul. 2002. Suplemento Cultura, p. D4.

RESENDE, Beatriz. A literatura na era da multiplicidade. In: *Contemporâneos: Expressões da Literatura Brasileira no século XXI*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra/Fundação Biblioteca Nacional, 2008, p. 15-40.

Submissão: 06/02/2018

Aceite: 15/03/2018